

Educação na infância gera o cérebro do país

» DIOCLÉCIO CAMPOS JÚNIOR

Médico, professor emérito da UnB, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, membro titular da Academia Brasileira de Pediatria, ex-presidente do Global Pediatric Education Consortium (Gpec) – Email: dicamposjr@gmail.com

O cérebro é o órgão primordial da espécie *Homo sapiens*. Com suas múltiplas e complexas estruturas anatômicas e funcionais, contribuiu decisivamente para o maior avanço mental, intelectual e espiritual da espécie humana, culminando na geração de valores morais, éticos e comportamentais indispensáveis às suas práticas mais construtivas por meio da interação social.

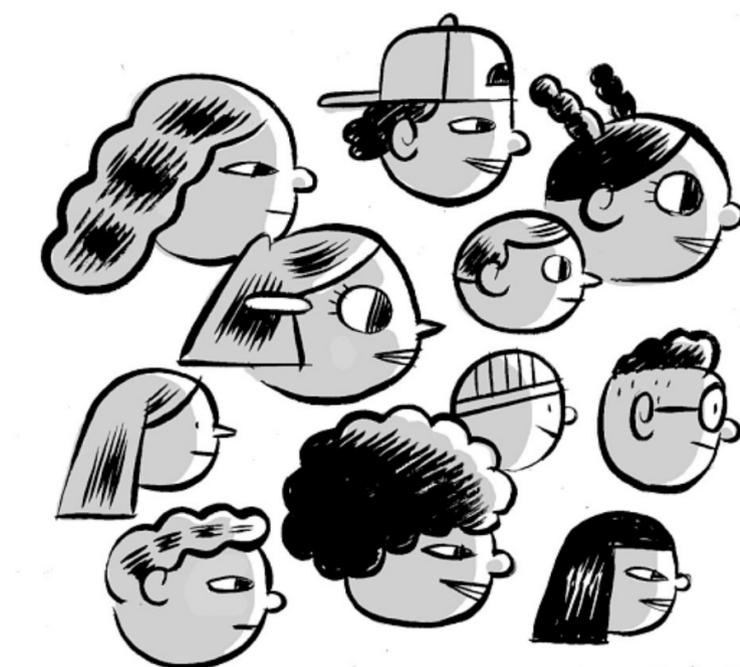
Como bem definiu na sua obra denominada *O fenômeno humano*, o padre e antropólogo francês Pierre Teilhard de Chardin identificou a dinâmica evolutiva das espécies, promovida pelo fenômeno por ele denominado de “cerebralização”. Vale dizer que a diferenciação cerebral progressiva é um processo sem o qual a nossa espécie não alcança o nível mental, que demonstrou ser capaz de adquirir.

Torna-se bem claro o papel insubstituível de uma educação qualificada e igualitária, destinada a todas as novas gerações como ingrediente fundamental para o seu completo desenvolvimento neuropsicomotor e social. Sem essa tão consistente perspectiva de progresso humano, o tempo passará e nada terá sido feito com o intuito de se construir a mais segura base na qual a sociedade realmente humanista possa ser sustentada.

Por isso, o cenário atual da pandemia que vem dizimando cada vez mais o número de habitantes no planeta não pode deixar de ser considerado como um tenebroso alerta de que a espécie *Homo sapiens* pode também ser extinta, a exemplo de tantas outras que desapareceram da Terra. Assim sendo, a educação prioritária da primeira infância, período no qual o cérebro se diferencia com padrão único e elevado, é o coerente investimento capaz de blindar a espécie, protegendo-a do risco de desaparecimento.

Os países que decidiram adotar essa importante medida deixaram claro que a dinâmica educacional igualitária e de alta qualidade eleva progressivamente o nível mental e intelectual das novas gerações. Aumentase, desta maneira, o denominado potencial cognitivo da sociedade que define a capacidade de aprendizagem dos cidadãos. É assim gerado o correspondente crescimento do capital cognitivo das populações.

Deve-se, também, aplicar o conceito de cérebro a um país. Suas funções são bem visíveis como as virtudes subjacentes ao perfil comportamental interativo, dialógico, altruís-



G O M E Z

ta e essencialmente construtivo de uma cidadania. Quem abordou bem esse conceito, de forma clara e objetiva, foi o ex-presidente brasileiro Juscelino Kubitschek, pessoa solidamente educada e comprometida com as causas sociais. O seu legado para o avanço humanista do Brasil é do mais alto grau de visibilidade em favor da população do país. O projeto da nova capital, que ele foi capaz de implantar durante um mandato de cinco anos, é internacionalmente reconhecido como referência criativa e humana, que não poderá jamais ser retirado da história brasileira. É classificado pela Unesco como “Patrimônio Cultural da Humanidade”. Pouco antes de inaugurar a cidade de Brasília, denominada Capital da Esperança, Juscelino registrou seu sublime sentimento: “Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino”.

Outro exemplo da criação do cérebro nacional vem da grande história da União Europeia. Com efeito, quando ocorreu a revolu-

ção russa para a implantação do modelo estatal do comunismo, o intuito era eliminar as desigualdades sociais. Países da Europa não apoiaram a iniciativa, embora concordassem com o princípio da igualdade a ser promovido, não imposto. Já possuíam experiência bélica cujos efeitos destrutivos prevaleciam como metas devastadoras. Por isso mesmo, optaram por um projeto de “social-democracia”, cujo propósito era a redução das desigualdades humanas por meio da construção progressiva de uma sociedade baseada em princípios humanistas capazes de promover, em clima de paz, um padrão médio uniforme das suas populações.

Tornou-se comprovado o acerto dessa postura das nações da Europa que vislumbraram o horizonte pacífico da sociedade igualitária. A ideia de integração dos diversos países europeus gerou o grandioso cérebro da União Europeia. É uma referência educacional para a humanidade. O Brasil não pode seguir patinando na lama da falta de educação. Precisa construir seu cérebro com Ordem, Progresso e Paz para desfazer a desigualdade humana de um país descerebrado. Educação de qualidade é o único caminho.

“Em briga de marido e mulher, a gente salva a mulher!” Simples assim?

» ANIE RAMPON BARRETTO

Delegada, assessora institucional da Delegacia-Geral da Polícia Civil e diretora parlamentar do Sindicato dos Delegados do DF

Se você é usuário de redes sociais, já se deparou com essa frase repetida, ou melhor, “repostada” algumas boas vezes desde quando Pamella Holanda divulgou os vídeos com a agressão do ex, DJ Ivis. As cenas são realmente repugnantes e desencadearam mais uma campanha, em que todo mundo se engaja e repete frases feitas sem parar um minuto para pensar com profundidade no assunto e se perguntar: qual a minha participação e responsabilidade de nisso? E, indo um pouquinho além, o que eu posso fazer pra mudar isso?

Eu reflito muito sobre o assunto — até por dever de ofício — e sinto muito em ter que dizer isso, mas, enquanto continuarmos “salvando a mulher”, as mulheres vão continuar apanhando e morrendo! Não temos que salvar as mulheres. O que precisamos é garantir a mesma dignidade e o mesmo valor às mulheres em todos os aspectos da vida. Nós, mulheres, somos diferentes, sim, mas não somos menores, nem frágeis, nem incapazes, que precisamos ser tuteladas e salvas a todo momento.

Não me entendam mal, é claro que, numa situação de violência, a mulher ou a criança ou o homem, ou quem quer que seja que esteja sofrendo a agressão (física, moral, psicológica, financeira, sexual etc) precisa ser salvo, socorrido, ajudado. Mas a questão aqui é: precisamos agir antes. Vamos construir uma sociedade em que a mulher tenha tantas oportunidades, tanto respeito, tanta dignidade, tanta liberdade... Em que ela não seja ví-

tima de discriminação, assédio, abuso, violência... Em que ela não precise ser salva!

A violência doméstica é só a ponta do iceberg. É manifestação de um problema estrutural, assim como os salários mais baixos para mulheres, a sobrecarga de tarefas, os índices assustadores de estupros... Manifestações variadas da mesma violência, que, algumas vezes, é muito velada, outras é filmada e exposta nas redes. Por isso, em alguns casos choca, enquanto, em outros, até passa despercebida. A sociedade ainda dá menos dignidade à mulher. E isso acontece na nossa vida também. Na minha e na sua! É só parar para prestar atenção. Como li em algum lugar, “a mulher que diz que nunca foi discriminada é porque estava muito distraída”. Pura verdade.

Já que é para usar frases de efeito, vamos logo a Gandhi: “Seja você a mudança que deseja ver no mundo”. Não adianta repetir bordões, se continuarmos repetindo padrões! Como quase tudo na vida, para mudar algo do lado de fora, temos antes que mudar algo do lado de dentro. E essa mudança interna não é só do outro. Aí é que está o pulo do gato. A mudança é de todos! Nós repetimos padrões opressores dentro das nossas casas, em nossas opiniões, nas piadas maldosas, nos julgamentos, nos preconceitos, nas expectativas que criamos, nos comportamentos que incentivamos, no olhar desconfiado para a mulher que não vive conforme o papel social que se espera dela, na condescendência com condutas machistas, para “não ser a

chata que bate de frente o tempo todo”.

São opressões que se sobrepõem e que validam umas às outras, como quando a mulher não ascende a cargos de liderança, porque se presume que não conseguiria a mesma dedicação ao trabalho que seus pares homens. Ao mesmo tempo em que se pressupõe que uma mulher que conta com a “ajuda” do parceiro para as atividades domésticas e de cuidado com os filhos tirou a sorte grande. E essa mesma mulher assume mais funções domésticas, porque, afinal, não se pode arriscar o trabalho do homem, que é “mais valioso”, já que, literalmente, paga mais. E desse jeitinho vamos reproduzindo, quase sem querer ou sem perceber, o pano de fundo para que a violência contra a mulher siga instalada nas casas, nas instituições e nas mentes. Eu não sei quanto a vocês, mas eu, uma “mulher padrão”, profissional bem-sucedida, casada, mãe de duas meninas, confesso que, muitas vezes, me sinto perdida nessa encruzilhada, ou melhor, presa nesse beco sem saída.

Voltando ao vídeo, como delegada de Polícia, que atuou um bom tempo na temática, posso dizer que esse é o dia a dia, o feijão com arroz, o trivial num balcão de delegacia. É claro que ver as cenas é sempre mais chocante que ouvir os relatos, até para mim. Por isso, entendo a comoção e acho válida a campanha. Mas enquanto houver mulheres precisando ser salvas, eu continuarei repetindo essa cantilena.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

O canto da sereia

Nas próximas eleições, quanto mais se intensificar a polarização das forças políticas ao redor da esquerda e da direita, mais restarão espaços e terrenos vazios, por onde poderão crescer, livremente, as alternativas para a consolidação de uma terceira e vitoriosa via. Essa possibilidade viria com mais naturalidade e vigor se pudesse contar com um amplo apoio popular, o que, por hora, dado as complicações da pandemia, parece incerto. O fato é que a polarização em torno de Bolsonaro e Lula é favorável ao caminho do meio por forças livres do que se convencionou chamar velha política.

Por certo que, a essa altura dos acontecimentos, dado o intenso grau de movimentações de bastidores, os dois candidatos, ditos naturais, perceberam essa possibilidade e começam a agir para não perder tempo e ganhar também nacos desse espaço central, que vai se abrindo. Os próprios candidatos, inclusive, desses extremos, deram a partida para um processo de captação dessas forças que poderão surgir entre as fronteiras da esquerda e da direita.

A apatia com a pandemia e os quase 550 mil mortos, pelo lado da direita, e a experiência traumática de 13 anos de governo petista, com a formação do maior esquema de corrupção já visto em todo o mundo, servem, cada um com sua intensidade específica, para a formação de um mínimo de juiz por parte do eleitorado, principalmente aquele formado por pessoas que enxergam na ética humana e na ética com a coisa pública as principais virtudes de todo e qualquer governante.

Os contratemplos para a consolidação dessas novas forças centrais ficam por causa da possibilidade real da utilização da máquina pública em favor do candidato da situação e do forte aparato organizativo que ainda existe nas esquerdas, espalhados por todo o país. Em entrevista ao *Correio*, o presidente e dono do PSD, Gilberto Kassab, uma dessas notórias raposas da política nacional, demonstra que está à espreita e com o faro fino e bem afiado para a possibilidade da terceira via, não esconde de ninguém que aposta no nome do atual presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco. Se conselho pode servir de alguma ajuda para o atual presidente do Senado, mire-se no exemplo trágico do ex-juiz Sergio Moro e faça ouvidos moucos à cantilena encantadora dessas sereias. Leia *Odisseia*, de Homero. No poema épico do século 8 a.C., pode estar a fórmula para livrar-se de apelos dessa natureza.

Ladinos como são, outros também têm feito acenos aos potenciais candidatos da terceira via, com as promessas de sempre e os distratos que lhes seguem. O que se assiste, até com certa curiosidade, é ao pânico, indistigável, que, a cada dia, vai tomando conta dos principais postulantes, muito antes da existência real dessa terceira via e da possibilidade de ela vir a retirar-lhes o chão sob os pés. Não será surpresa se, nessa marcha da insensatez, os movimentos que vão se alternando nas ruas, apoiando esses nomes da esquerda e da direita, vierem a se encontrar numa esquina que dá para uma rua sem saída e, por ação da razão, enxerguem que estão sós e sem alternativas e, com isso, baixem as bandeiras.

» A frase que foi pronunciada

“Cuba foi sustentada pela URSS, saqueou Angola, sugou o que pôde da Venezuela e passou 14 anos parasitando o Brasil. A crise cubana tem uma explicação simples: Com a falência da Venezuela e a queda de Lula, acabaram os hospedeiros.”

@darcibraca, no Instagram

Para alma

» Assinado pelo comandante-geral dos Bombeiros, coronel William Augusto Ferreira Bomfim, o convite eletrônico para a live da Banda de Música do Corpo de Bombeiros Militar do DF, no dia 28 às 20h. O concerto será transmitido da Academia de Bombeiro Militar no Setor Policial Sul. Veja no *Blog do Ari Cunha*.

Transparência

» Veja como o QRcode e o código de certificação digital, além do voto impresso, podem garantir uma eleição limpa. Pessoas com fé pública na conferência dos votos e a apuração imediata, sem transporte dos dados antes de aferidos. Isso, sim, é democracia. Ideia publicada no Tik tok. Veja no *Blog do Ari Cunha*.

Novo script

» Saiu, no *Diário do Poder*, uma matéria de forma diferente das mesmas notícias, onde só apareciam com o lado negativo. “O Brasil superou, nessa quinta-feira, a marca de 7 milhões de pessoas curadas da covid, o que representa 97,24% do total de casos encerrados.

» História de Brasília

Ninguém pode dizer que o governo do sr. Jânio Quadros tenha sido proveitoso para o Brasil, mas autoridade, ele tinha, e ninguém se atrevia a insistir quando ele dizia não. (Publicado em 4/2/1962)